

OS  
INCOMODADOS  
NÃO SE  
RETTIRAM

A large, bold, black number '3' is positioned on the right side of the page, partially overlapping the text 'RETTIRAM'.

JOSÉ BORZACHIELLO DA SILVA

FORTALEZA  
EM QUESTÃO

CATALOGAÇÃO NA FONTE: Bibliotecária Terezinha de Oliveira Maciel

S586q

Silva, José Borzacchiello da

Quando os incomodados não se retiram: uma análise dos movimentos sociais em Fortaleza. – Fortaleza: Multigraf Editora, 1992.

192 p.

1. Movimentos Sociais – Fortaleza I. Título

CDD 301.242

## Apresentação

Estamos diante de uma publicação merecedora da maior atenção. Trata-se de uma análise sócio-geográfica de Fortaleza, ou ainda, da Geografia econômico-social de Fortaleza.

A Obra descreve a formação de Fortaleza em seus aspectos geográficos, mostrando o estreito relacionamento dessa geografia com os problemas sócio-econômicos vividos pelo Estado do Ceará. Há um nexo muito estreito entre campo e cidade. À medida que a vida no campo, por falta de uma autêntica Reforma Agrária, se torna inviável, Fortaleza atrai como uma possibilidade de sobrevivência e de melhores perspectivas de vida.

Concorre também a progressiva industrialização de Fortaleza para aumentar as esperanças do povo que do interior se desloca para a Capital.

O grande problema, presente como um fio condutor, são as condições de trabalho calcadas em relações sociais injustas, tendentes a piorar.

Focaliza-se na Obra uma das problemáticas que, além das acenadas, aflige a cidade de Fortaleza, a problemática das favelas e dos conjuntos habitacionais. É aí que aparecem os problemas de abastecimento de água, revestimento das vias de acesso, insuficiência da rede de esgoto sanitário, deficiência do serviço de coleta de lixo, falta de policiamento, insuficiência e precariedade do transporte, falta de comércio local. Não se resolve a questão da moradia sem se resolver a questão da renda.

A Obra é preciosa para se conhecer mais profundamente a

Capital do Ceará, sua origem, seu crescimento, sua situação atual. É uma Obra que deixa sentir um conhecimento detalhado de toda a cidade com a enorme gama de problemas.

Ressaltam-se de modo especial os Movimentos Populares. São eles que poderão contribuir grandemente para a organização da Cidade.

Finalmente uma conclusão que faz pensar: Fortaleza é, hoje, dentre as grandes cidades aquela que apresenta as piores condições de vida para os seus habitantes.

Que esta Obra sirva para a construção de uma Fortaleza mais humana e mais cristã!

Aloísio Card. Lorscheider  
Arcebispo de Fortaleza

Fortaleza, 04 de agosto de 1991.

## SUMÁRIO

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS: O ESPAÇO GEOGRÁFICO E OS MOVIMENTOS SOCIAIS .....	9
2. FORMAÇÃO SÓCIO-TERRITORIAL URBANA DE FORTALEZA .....	21
2.1. A cidade de Fortaleza no contexto do Ceará .....	21
2.2. A cidade de Fortaleza .....	44
3. MOVIMENTOS SOCIAIS E ESTADO: IMPLICAÇÕES ESPACIAIS .....	71
3.1. Movimentos Sociais e Estado .....	71
3.2. Movimentos Sociais, Políticas Urbanas e Planejamento Urbano .....	83
4. PARTICIPAÇÃO POPULAR E PROCESSO DE PRODUÇÃO DO ESPAÇO URBANO DE FORTALEZA .....	111
4.1. As organizações populares em Fortaleza .....	111
4.2. As bases da análise .....	127
4.3. Confronto dos resultados .....	143
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS: FORTALEZA – REALIDADE E UTOPIA .....	163
AGRADECIMENTOS .....	177
BIBLIOGRAFIA .....	181

## 1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS: O ESPAÇO GEOGRÁFICO E OS MOVIMENTOS SOCIAIS

Reivindicações, passeatas, atos públicos e outras formas de mobilização ocorrem na cidade constantemente, sendo mais freqüentes nos últimos anos. O envolvimento da imprensa e o nome genérico do *povo* nos levam a acreditar que, a partir de um dado momento histórico tem início os chamados movimentos populares. Obviamente, aqui em Fortaleza, tais movimentos assumem suas próprias características e são especialmente registrados como *reivindicações*. Aos poucos esses movimentos populares vão cada vez mais ocupando maior espaço na imprensa, na medida em que se organizam em forma de associações de bairros e ampliam sua ação. Se antes estavam voltados apenas para aspectos de reclamações de equipamentos ou serviços isolados começam hoje a ter um caráter mais amplo, a partir da percepção do indivíduo quando se descobre como ser social, cidadão, e passa a reivindicar os direitos contidos no pleno exercício da cidadania. Logicamente essa dinâmica ainda não atingiu toda a população e, sem dúvida, existe uma reação significativa a tal tipo de atitude.

A intermediação entre povo e poder municipal é normalmente feita por vereadores que tradicionalmente "regionalizam" um espaço mais amplo, seja esse uma pequena vila, a cidade média ou a grande cidade. A participação do povo no processo reivindicatório, sem essa mediação, provocada por atitudes de desconfiança das massas em relação aos seus "representantes" e a seus governantes de modo geral, provocou, sem dúvidas, reações por parte desses representantes que mantinham nos respectivos "currais", seus "cabos eleitorais" estabelecendo relações sofisticadas de subordinação e dominação, em troca de alguns equipamentos e ou serviços coletivos.

A subordinação de tamanho contingente era mantida tanto pela ausência de canais que permitissem a livre expressão das camadas

populares, quanto por falta de organização popular.

Essa relação de dependência era perpetuada por meio do fornecimento gratuito do título de eleitor - o que já garantiria um voto, pelo compromisso implícito que se estabelecia entre o aspirante ao título e o político da área. O controle de vagas nas escolas para os alunos, como também vagas para docentes, para direção, pessoal administrativo dos postos de saúde, desde o corpo clínico até o pessoal de base - faxineiros, auxiliares de enfermagem, etc. - facilitava aos políticos a manipulação de grande parte da população contida nesses espaços. Nos momentos da escolha de seus representantes políticos, obras de efeito visual como chafarizes, calçamento de ruas, lavanderias públicas, eram realizadas com fim "eleitoreiro", resultando sempre em excelentes saldos do número de votos, na maioria das vezes, devido a seus efeitos visuais reforçados pela aposição de placas e faixas. A participação popular de forma direta ou mesmo dirigida por um outro tipo de liderança, acirrou os ânimos das partes envolvidas, exigindo uma redefinição do papel do vereador como representante do povo. A Câmara dos Vereadores, que até então significava apenas o local de encontro e de decisões dos edis, de uma hora para outra se viu frequentada por comissões de moradores de uma determinada associação, ou de várias, que ali, juntas, pleiteavam alterações quanto ao fornecimento ou instalações de certos serviços de infra-estrutura urbana para uma determinada área.

Esta mudança de atitudes dos trabalhadores, as reações do poder organizado, as perdas e os ganhos políticos decorrentes desta nova forma de se focar o problema, vem deixando marcas espaciais significativas, estas, contudo, estavam sendo pouco apreendidas para fins de análise. Buscou-se compreender os mecanismos políticos e sociais que estão se processando na sociedade brasileira como um todo e aqueles mais específicos de Fortaleza que contribuem sobremaneira no processo de organização do espaço urbano. Em se tratando de uma cidade que vem sofrendo alterações expressivas nos últimos anos, uma análise desta natureza tem como objetivo esclarecer relações entre povo e poder, na medida em que esses processos sociais estejam registrados espacialmente no espaço-morada do homem, no espaço trabalho, no espaço-lazer, enfim o espaço de vida. Como está ocorrendo o processo de organização do espaço em Fortaleza? Quais as alterações espaciais decorrentes de movimentos populares? Como apreender esses movimentos e como verificá-los espacialmente? Sem dúvida, um grande desafio. Para isso foi necessário munir-nos de

determinado referencial teórico capaz de ser aplicado à realidade vivida e observada no cotidiano da cidade e dos "cidadãos". Um conjunto de técnicas - desde pesquisas em hemerotecas especializadas, arquivos de jornais, ao uso da análise fatorial, realização de entrevistas, leitura durante horas e mais horas exaustivas, mas agradáveis — que possibilitou a elaboração deste trabalho. A análise da evolução da cidade, das relações povo e poder e do contexto político nacional foram fundamentais para que chegássemos a bom termo.

A reformulação teórico-metodológica pela qual vem passando a Geografia no Brasil, tem sido o grande elemento incentivador de estudos em torno da compreensão da Geografia como ciência social, capaz de largar a sua tradicional capa de "neutralidade" e se tornar instrumento de transformação da sociedade.

O presente livro, fruto de intenso trabalho de campo, de meditação e busca teórica, surgiu de nosso interesse pela abordagem contemporânea da Geografia como ciência que busca no espaço seu objeto e na sociedade o seu objetivo.

Preocupados com todos esses aspectos pensamos, ao escolher esse tema de pesquisa, em optar por um método que fosse ao mesmo tempo abrangente, isto é, que analisasse a totalidade do fenômeno no universo pesquisado, suas relações com outros fenômenos no espaço objeto da análise e que fosse também explicativo. Firmamos posição no sentido de redigir um livro em que fosse de fato privilegiada a geografia, mas que a partir desse enfoque, surgisse com toda a vitalidade de ciência social.

No Brasil esse pensamento contemporâneo da Geografia é recente, tendo 1978 como momento culminante mais específico, quando da realização do 3o. Encontro Nacional de Geógrafos. Esse movimento de renovação da Geografia é marcado por discussões constantes e em alguns raros trabalhos que foram editados em anos anteriores.

Embora recente, entretanto, já se produziu um número razoável de obras de cunho teórico capaz de explicar uma gama de fenômenos. Reconhecemos uma certa ausência de aplicação das teorias fundadas na dialética marxista e seus desdobramentos explicar características marcantes da produção espacial, principalmente em Fortaleza, cidade que tem passado por rápidas mudanças no seu arranjo espacial urbano.

Se o referencial teórico era escasso, o instrumental de análise o era mais ainda, especialmente no campo geográfico. Por outro lado,

a Geografia encarada como ciência social, se irmana com pesquisas sociológicas, políticas, econômicas o que, em grande parte, facilitou a nossa tarefa.

Iniciamos a elaboração do referencial teórico a partir dos fundamentos empíricos capazes de nos conduzir a constatações da realidade. Para tal, utilizamos o "Levantamento de Necessidades Comunitárias" realizado pela Fundação Projeto Rondon em 1979 junto aos bairros de Fortaleza e aos municípios da Região Metropolitana, embora tenha sido considerado apenas Fortaleza e a expansão de sua malha urbana que extravasa os seus limites municipais. É oportuno salientar que fizemos parte da equipe técnica do "Levantamento" do Rondon, desde a fase de elaboração do projeto até a fase final de redação do Relatório. (\*) Outra fonte utilizada foi a pesquisa que realizamos junto aos jornais da Cidade, compreendendo o período de 1971 a 1982, num total de 12 anos, com a finalidade de comparar as necessidades colhidas segundo os bairros no já citado "Levantamento de Necessidades Comunitárias" (1979/1980) com as reclamações de reportagens jornalísticas durante o período trabalhado. O período escolhido permitiu verificar com que intensidade ocorre o problema e seu significado espacial. Para completar o referencial de análise, aplicamos entrevistas entre pessoas das mais variadas quanto à formação e função, dentre elas técnicos de nível superior, empresários, líderes de associações de bairro e membros da igreja. A partir daí, pudemos cotejar os dados levantados empiricamente.

Munidos desse material foi possível comparar a ação do Poder Municipal, em especial, como também as ações do Estado como um todo, de acordo com as necessidades apresentadas pela população pesquisada. Desta forma, buscamos dimensionar poder e mobilização popular numa relação dialética, ou seja, apreender para fins de análise as contradições existentes nesse contexto.

No geral, pensa-se de antemão que o poder emanado dos

---

(\*) O critério utilizado foi o da pesquisa direta junto aos domicílios para que os entrevistados informassem quais eram as suas principais necessidades, de forma que elas fossem descritas nas formas de enunciado como também em forma de problema, ou seja, cada necessidade apresentada deveria ter esse enunciado que constitua uma definição do problema por parte do entrevistador com o auxílio do informante. Dessa forma, foram evitados, em grande parte, os problemas de compreensão de certas necessidades, haja vista a intensidade e variedade de casos encontrados.

movimentos sociais marca o entrechoque das classes, de um lado, a burguesia controladora do Estado e portadora do poder, e, do outro, o proletariado gerador de força de trabalho e reproduzidor de mão de obra. Claro que nessa relação dialética movimentos sociais populares e poder foi detectado o papel das classes sociais no interior da vida sócio-espacial.

Para a Geografia, como para as demais ciências humanas, os estudos, pesquisas e investigações sobre o fenômeno urbano, urbanização, funções urbanas, hierarquia e estrutura urbana, com raras exceções, têm sido uma constante e, provavelmente, um de seus ramos de maior destaque nos tempos recentes. Percebe-se um grande interesse pelo urbano, porém, percebe-se que a maioria desses estudos trata a cidade como um organismo, algo semi-estático, ou, quando não, com uma dinâmica funcional quase que perfeita, como se ela fosse um todo com partes de harmonia. Esses estudos urbanos têm seu centro de interesse vinculado à compreensão de fatores locais, processos espaciais, sistemas urbanos e estudos de redes. As cidades são tratadas como espaço de homens iguais.

A Geografia Urbana, especialmente, tem procurado compreender os espaços geográficos das cidades como um espaço social, resultado e parte de uma sociedade constituída de classes sociais. Os modelos de análise para compreensão das cidades, aplicados tradicionalmente, tratam-nas quase sempre como fenômeno único e universal, de forma que os modelos europeus e norte-americanos são frequentemente aplicados para explicar as implicações da realidade urbana de áreas subdesenvolvidas. A Geografia vem passando por constantes crises através da sucessão de "escolas". A chamada "Nova Geografia" ou "Geografia Quantitativa" entrou em crise bem recentemente.

A Geografia há muito se ressentida de respaldo teórico e conceitual que lhe enseje participar mais ativamente nos constantes debates que procuram compreender a nossa realidade à luz da expansão e de desenvolvimento do capitalismo internacional. O espaço nacional passa por mudanças bruscas. A ação de grandes empresas vinculadas ao capital internacional, altera as relações espaciais e esfacela várias teorias regionais. Segundo HARVEY (1980:16)

*"Os cientistas e economistas regionais ainda demonstram predileção de considerar a economia e desconhecer o espaço. Contudo, o planejamento urbano, dominado como tem sido, tradicionalmente por*

*uma tendência básica de copiar desenhos na prancha e, em particular, pelo processo de desenhar a partir do mapa (um instrumento notório de autodecepção, se jamais houve outro) esteve imerso completamente nos retalhos de organização humana espacial, tais como expressas no uso do solo."*

As análises fogem também ao alcance do geógrafo que, munido das noções de "região" e de "urbano" e do "parcelamento da unidade nacional em unidades regionais", nem sempre consegue apreender a lógica do capitalismo e sua atuação.

As cidade se alteram, recebem equipamentos novos e modernos que, em muitos casos, não têm nada a ver com a realidade do seu povo.

No caso brasileiro, a condição de país industrializado subdesenvolvido, gera situações de necessidade nas cidades, que se "modernizam" artificialmente, pela imposição das indústrias que devem vender cada vez mais, para atender à lógica do capital. A indústria não pode parar, novas vendas têm que ser realizadas, "novas" necessidades devem ser criadas. A presença do moderno é intensa, variando desde a iluminação a vapor de mercúrio, substituição de equipamentos novos que em tão pouco tempo ficam "ultrapassados", até o asfalto em quase todas as ruas e logradouros das cidades que surgem como de importância fundamental. A nacionalização da economia é outro aspecto que pode ser observado: basta lembrar a expansão de cadeias de supermercados, lojas de departamentos e de outros ramos que estão distribuídos por praticamente todas as capitais e cidades de porte médio do país. As relações econômicas e espaciais, se estabelecem agora num nível nacional e até internacional. (SANTOS, 1984:13)

A Geografia, indiscutivelmente, deu uma contribuição muito grande para o conhecimento da realidade espacial. No que se relaciona à Geografia Urbana, a quantidade de material produzido, embora com o mais variado tratamento foi, sem dúvida, muito importante para a compreensão da cidade como um todo. Para CLARK (1985:23)

*"A Geografia Urbana tem uma longa cauda, mas um corpo curto. Ela pode pretender lançar suas origens nos escritos dos antigos sábios gregos Erastóstenes e Estrabão, mas sua existência como subdisciplina é muito mais o produto do presente século, e certamente dos últimos trinta anos."*

Só mais recentemente a Geografia Urbana tem se interessado

pela análise social, já que a estrutura urbana ou os estudos ligados às funções intra e extra urbanas (básica/não básica) exerciam verdadeiro fascínio sobre os geógrafos desse setor da ciência geográfica. Esses trabalhos foram, em muitos casos, de importância fundamental para se compreender fenômenos associados à urbanização e industrialização, regiões e paisagens urbanas de um modo geral.

Lamentavelmente, a maioria desses trabalhos carece de respaldo teórico capaz de abranger um nível maior de complexidade. As pesquisas da fase da "Nova Geografia", fruto da "Revolução Quantitativa", esboçaram teorias gerais de conteúdo matemático, visto que universal, qua nada mais fizeram do que produzir ou reproduzir uma Geografia "oficial" desvinculada dos verdadeiros interesses sociais. É o mesmo que CLARK (1985, op.cit.:34) que afirma:

*"As implicações para a Geografia Urbana são profundas. Nessa perspectiva, ela não pode mais ser uma disciplina acadêmica, neutra, dedicada a explicar a estrutura espacial da cidade, mas deve tornar-se um foco ativo e comprometido com as mudanças sociais e geográficas urbanas."*

Procedendo a uma revisão da literatura disponível sobre o desenvolvimento capitalista no Brasil e suas vinculações com o processo de urbanização faz-se uma análise crítica dos efeitos do processo de urbanização brasileiro, em geral e do nordestino, em particular. Neste quadro destaca-se Fortaleza, onde foi analisado, o nível de participação da população da cidade, com sua expansão metropolitana no processo de organização do espaço urbano. Esse nível de participação foi medido por meio de vários instrumentos de análise, os quais indicaram o relacionamento dessa população com o Estado - aqui entendido como a estrutura administrativa oficial.

Para se chegar a esse nível de verificação efetuamos, inicialmente, uma análise do rápido crescimento de Fortaleza, principalmente nas duas últimas décadas. Em seguida, com base nos levantamentos realizados junto aos bairros para identificação das necessidades comunitárias, foi feito um confronto das principais carências ligadas aos serviços e equipamentos urbanos, intimamente vinculados à organização e estruturação do espaço. As entrevistas possibilitaram a apreensão da realidade a partir da voz de vários atores sociais que participaram ou representaram os construtores do espaço urbano de Fortaleza.

A partir dessas informações foi possível analisar o nível de participação popular, entendido como a consciência das carências ao nível do espaço urbano da população pesquisada.

Ao orientarmos nosso interesse na pesquisa geográfica para aspectos do arranjo espacial urbano, consideramos antes de mais nada como vem se dando a participação dos trabalhadores nesse processo de produção do espaço, estávamos conscientes que a partir do urbano seria alcançada a totalidade da compreensão do processo de produção do espaço brasileiro. A chamada crise urbana, aliada a um constante fluxo migratório que se dirige não só do campo mas também de pequenas cidades para a grande tem exigido ou provocado a inversão de grandes investimentos pelo *Estado*, na busca de solução dos chamados "problemas urbanos". Os problemas rurais ficam assim em segundo plano, de forma que não se vê, pelo menos até o momento, nenhuma ação concreta que provoque mudanças estruturais e possibilite a fixação de um maior contingente demográfico no campo ou nas pequenas cidades do interior. Referindo-se ao crescimento acelerado da população urbana no Terceiro Mundo Lacoste assim se expressou:

*"Este gigantesco impulso urbano vai constituir uma mudança geográfica considerável para o conjunto do Terceiro Mundo onde os cidadãos tornar-se-ão mais numerosos que os camponeses."* (LACOSTE, 1984:551)

Fortaleza, portanto, não foge à regra. Os capítulos seguintes permitirão a apreensão do processo gerador dessa concentração demográfica na cidade, e como o interior dessa unidade que é a cidade, na sua forma, as classes sociais se relacionam e produzem sob a égide do capital seus espaços desiguais e combinados, conforme assinala Andrade:

*"Ao estudarmos as metrópoles nacionais e regionais, observamos que a população se distribui geograficamente de acordo com suas condições sociais, formando bairros destinados ao comércio e aos serviços, ao lado de bairros industriais e, às vezes, de um bairro portuário. À proporção que se vai do centro para os arredores observa-se a sucessão de bairros residenciais, de subúrbios e de cidades satélites, alguns com vocação industrial e outros com vocação residencial. Os bairros residenciais se diversificam com o status econômico e social de seus habitantes, ficando aquele ocupado pelas classes alta e média melhor localizado do que o ocupado pelas classes pobres."* (ANDRADE, 1984:44)

Essa multiplicidade de espaços contidos num espaço mais amplo - a cidade - que por sua vez se insere no espaço regional por ela produzido, vem exigindo cada vez mais a necessidade do envolvimento do geógrafo, enquanto especialista do espaço, de forma a contribuir com o embasamento teórico-metodológico desenvolvido nos últimos anos para a compreensão e mudança desse processo. Comentando uma citação de Vallega, afirma Quaini:

*"Há, aqui, não somente todos os preconceitos do geógrafo que crê na separação entre teoria e pesquisa concreta mas, sob o aparente tom colonial, toda a arrogância (e o dogmatismo que alimenta) de que, considerando o próprio discurso imune de toda a teoria e ideologia, não discute o discurso de outros, mas livra-se, fazendo-o passar como não científico."* (QUAINI, 1983:147)

Cabe ao geógrafo se engajar no processo de transformação, buscar formas novas ou se ajustar às existentes nas ciências sociais visando assimilar todo o conteúdo do processo, se não quiser ficar ao nível da superficialidade enganadora - não explicativa da realidade espacial. Daí o compromisso da Geografia em privilegiar, os Movimentos Sociais Urbanos em suas análises, como movimentos espaciais piores de dinâmica, dos quais se desprende a partir de estudos minuciosos, a própria essência da teoria geográfica. Referindo-se à questão da constante renovação metodológica, escreve (SANTOS, 1978: 1 e 2):

*"A própria metodologia deve ser renovada constantemente senão a realidade lhe escapa. No entanto, como o mundo atual evolui muito depressa, vemo-nos diante de uma grande dificuldade, ou seja, fazer com que a metodologia progrida com igual rapidez."*

*Um dos obstáculos mais importantes é o tabu que confunde "concreticidade" e "objetividade" com empirismo. Deverão os geógrafos sucumbir em face de tal obstáculo, renunciando a dar um passo adiante? Pois se for necessário esperar demasiado tempo para que os resultados contribuam para o aperfeiçoamento e a modernização da ultrapassada metodologia que os inspirou, não permaneceremos em perpétuo atraso? Tal é a expiação, ou lei, ou princípio científico, de toda ciência."*

A emergência de uma ciência que tanto resistiu em analisar as relações sociais de produção e, por que não, ainda resiste, exige uma maior investigação no campo da Geografia Crítica, diante das resistências organizadas que não aceitam a inovação. Andrade que,



com muita propriedade, aborda o assunto

*"Neste conturbado final de século XX, sente-se que, por um processo dialético, a Geografia se renova, até certo ponto voltado às origens. E volta às origens ao abandonar uma posição falsamente apresentada como neutra, face às deliberações políticas, descomprometida com os grupos políticos e as classes sociais. Falsa isenção que afastou o pensamento geográfico das linhas anteriormente traçadas por figuras exponenciais como Frederico Ratzel, Elisée Reclus e Camilo Valloux. Numerosas foram as instituições universitárias que abandonaram ou desestimularam as investigações geográficas no campo da Geografia Política, negando a validade à mesma e a Geopolítica, esta última sob a alegação de que teria sido utilizada pelos nazistas durante a Segunda Guerra Mundial - a teoria do espaço vital —, transformando-se num conjunto de programação política sem base científica e sem credibilidade. Esqueceram-se de que os nazistas, do mesmo modo que as potências ocidentais, usaram a Geopolítica e a própria Geografia, como usaram os vários ramos do conhecimento científico — a Física, a Química, a Biologia, a Sociologia, a Ciência Política, etc - para alcançar os fins a que se propunham." (ANDRADE, op. cit.:14)*

A amplitude que envolve a ciência geográfica privilegia o estudo da cidade como o ponto de encontro das várias ciências, ao qual Harvey chama de urbanismo, cabendo ao geógrafo papel fundamental na sua análise. Esse espaço privilegiado é que constitui a cidade, principalmente aquelas desenvolvidas em países periféricos onde os altos índices de pobreza são alarmantes. Apoiado em Lefebvre, Harvey afirma:

*"A pobreza urbana é na maior parte dos casos, pobreza rural reorganizada dentro do sistema urbano. É nesse sentido que devemos aceitar o ponto de vista de Lefebvre de que a urbanização do campo implica numa ruralização subsidiária da cidade." (HARVEY, op.cit.:266)*

O processo contínuo gerador dessa realidade agudiza a efervescência de conflitos sociais, reveladores da busca da própria identidade social. Como assinala OLIVEIRA (1984:1):

*"Esta sociedade de massas pobres que não teve tempo de transitar por uma sociedade de classes - é uma sociedade de classes em que a representação se dá pelos meios da sociedade de massas — logrou elaborar uma referência universal, a democracia, depois de*

*atingida pelos regimes que se sucederam desde o golpe de Estado de 1964 no coração mesmo de seus processos de identificação social. Ela retira da sociedade de massas talvez seu melhor produto; essa identificação que não percorre apenas os sendeiros das classes e das situações materiais que lhes são peculiares, lição que deveria ser aprendida pelos que representam ou querem representar o povo."*

A cidade agora é local ambivalente, onde se dá o confronto das classes onde se institui de formas mais perceptível a luta pelo espaço. Como declara DURHAM (1984:29):

*"As transformações de necessidades e carências em direitos, que se opera dentro dos movimentos sociais, pode ser vista como um amplo processo de revisão e redefinição do espaço da cidadania."*

Nossas considerações iniciais deixaram bem claro, supomos, que as tramas dos movimentos populares em Fortaleza não fogem aos mecanismos inexoráveis das relações de classes, em que o corolário é sempre dominantes/dominados, inerentes ao capitalismo.

O que se segue é, pois, fruto de uma enorme reflexão num laboratório de aprendizagem — o de Fortaleza — que nos propiciou sentir de perto o problema urbano brasileiro e, *desse sentir*, passar para um engajamento necessário com a abrangência da complexidade social.